

Valdir do Nascimento Flores

valdirnf@yahoo.com.br

Luiza Milano Surreaux

Tanara Zingano Kuhn

Enunciação e sintoma de linguagem: um estudo sobre as relações metafóricas e metonímicas

RESUMO – Este texto pretende focar as relações entre metáfora e metonímia (cf. Jakobson, 1970; 1974) e a enunciação (cf. Benveniste, 1988; 1989) no estudo da patologia de linguagem, a fim de abordar o sintoma de linguagem como um elemento integrado à noção de sistema lingüístico (cf. Saussure, 1975). Do ponto de vista teórico-metodológico, objetiva-se desenvolver uma forma de análise da fala sintomática que parta da suposição de que a organização da língua em pólos metafóricos e metonímicos é um dos mecanismos que o sujeito tem para enunciar. Espera-se mostrar que os mecanismos de enunciação, em especial em casos de patologia, não podem ser considerados como dados apriorísticos, mas, sim, como uma construção derivada da situação de enunciação. A análise deverá abordar também os efeitos dos deslocamentos e das condensações na relação terapeuta/paciente/linguagem. São analisados dados oriundos de um caso de ecolalia em situação de clínica fonoaudiológica.

Palavras-chave: enunciação, clínica de linguagem, metáfora, metonímia, patologia de linguagem.

ABSTRACT – This text aims to focus on the relationships between metaphor and metonym (cf. Jakobson, 1970; 1974) and enunciative theory (cf. Benveniste, 1988; 1989) in the study of pathology of language, in order to consider the symptom of language as an element integrated to the notion of linguistic system. From the theoretic-methodological vantage view, it is intended to develop a manner of analysis of the symptomatic speech that emerges from the assumption that the organization of language in metaphorical and metonymical poles is one of the devices of enunciation that the subject may use to enunciate. We seek to demonstrate that devices of enunciation, especially in cases of pathology, cannot be considered as aprioristic data, but, in fact, as a construction derived from the situation of enunciation. The analysis shall also concern the effects of the dislocations and condensations in the relation therapist/patient/language. Data from a case of echolalia in situation of speech therapy are analyzed.

Key words: enunciation, speech therapy, metaphor, metonym, pathology of language.

Introdução

Independentemente do quadro teórico mobilizado, a análise da linguagem impõe ao pesquisador questões de natureza teórico-metodológica que são, ao mesmo tempo, gerais e específicas. Tais questões podem ser chamadas de gerais porque são comuns a toda e qualquer área que tem a pretensão de cientificidade – e a lingüística caracteriza-se por ser um estudo científico, mesmo que o conceito de ciência mereça ser, nesse contexto, mais detidamente tratado – e também podem ser vistas como específicas porque as respostas a elas sempre indicam formas muito singulares de conceber o que é próprio a cada especialidade. Isso toma proporções maiores quando a área em foco pretende fazer uma reflexão interdisciplinar. Esse é o caso do presente texto que objetiva estudar as relações entre metáfora e metonímia (cf. Jakobson, 1970; 1974) e a enunciação (cf. Benveniste, 1988; 1989) no estudo da patologia de linguagem, a fim de abordar o sintoma de linguagem como um elemento integrado à noção de sistema lingüístico (Cf. Saussure, 1975).

Nesse sentido, as questões que, em princípio, interessam são: a) qual é o objeto de um estudo que vise à abordagem lingüística do sintoma de linguagem? b) qual ponto de vista de análise é o mais adequado? e c) qual a unidade de análise? Parece correto afirmar que, se tais questões se configuram num quadro mínimo e geral para toda e qualquer abordagem da linguagem, para a abordagem do patológico acresce-se a problemática do fazer interdisciplinar que o tema exige.

Poder-se-ia resolver as indagações anteriores respondendo que basta aplicar uma teoria lingüística – neste caso a enunciativa – a dados de alguma patologia da linguagem (afasia, gagueira, ecolalia, etc.). Não é isso que se quer propor, neste texto. Não se trata de fazer análise enunciativa *stricto sensu*, nem análise fonoaudiológica. Importa, na verdade, contribuir para a fundação de um lugar epistemológico a partir do qual é possível olhar o sintoma de linguagem. Esse lugar epistemológico não é o produto da soma entre a fonoaudiologia e a lingüística, mas é um vasto campo de implicação mútua que possibilita a ambas novas configurações discursivas sobre o co-

nhecimento da linguagem. Assim, não se pode fazer a mera aplicação da lingüística a dados oriundos da fonoaudiologia.

Em outras palavras, este texto pretende contribuir com o objetivo maior de produzir uma “escrita própria à clínica de linguagem” (Flores, 2004)¹. Em função disso, parece que, de um lado, o conceito de patologia seria mais bem abordado se visto como sintoma² – já que, nesse caso, suporia sujeito – e que, de outro lado, da fonoaudiologia interessaria seu aspecto de clínica de linguagem. Assim, a análise da fala sintomática, ou ainda do sintoma de linguagem, deve se dar nesse intermédio ainda a ser produzido – entre a enunciação e o sintoma.

Especificamente quanto à lingüística cabe, ainda, indagar: que lingüística comportaria o estudo da fala sintomática? Esta é uma pergunta que problematiza os limites epistemológicos de uma área que se quer una e indivisível, como diz Milner (1987). Sem dúvida, falta construir essa lingüística, seu objeto, seu método, seus princípios, seus principais conceitos, etc. Para os fins deste trabalho, assume-se que a lingüística da enunciação (cf. Flores, 2001) apresenta o mínimo necessário para se pensar na singularidade do sintoma de linguagem: uma reflexão sobre a linguagem que inclui a representação do sujeito na língua.

Isso posto, vale ainda observar os passos do desenvolvimento deste texto: a) apresentar os conceitos de metáfora e metonímia tal como foram desenvolvidos por Roman Jakobson, para b) proceder à produção de formas de abordagem das relações metafóricas/metonímicas no quadro formal da enunciação e, finalmente, c) analisar, a partir desse referencial, algumas ocorrências de um caso específico de ecolalia³.

Metáfora e metonímia em Jakobson

Termos fundamentais no que dizem respeito aos distúrbios de linguagem e à função poética, metáfora e metonímia foram primeiramente abordados, de maneira embrionária, por Jakobson em 1953, em Conferência sobre Comportamento da Linguagem Expressiva na Universidade de Clark⁴. Parece, nesse momento, que o “mestre lingüista” (Frank, 1992) estava tracejando suas idéias para mais tarde desenvolvê-las, de fato, no aclamado texto *Two aspects of language and two types of aphasia*

disturbances, que traz ampla explicação sobre os dois tropos da linguagem e suas relações com a afasia, além de abordar, brevemente, sua interação com a arte da linguagem e outros sistemas semiológicos. Contudo, a dissertação sobre tal assunto se restringiu a essa obra, e se pode encontrar, nos artigos subsequentes, apenas desenrolares das questões apresentadas nesse texto.

Uma vez que este trabalho busca abordar o sintoma de linguagem à luz do par metáfora/metonímia em relação com as formas de enunciação do sujeito, a seguir, terá lugar breve retomada de aspectos cruciais para a compreensão do funcionamento do par na obra de Jakobson.

Primeiramente, é preciso lembrar Jakobson (1974): *falar implica a seleção de certas entidades lingüísticas e sua combinação em unidades lingüísticas de mais alto grau de complexidade*. Uma leitura ingênua afirmaria, a partir disso, que o falante está livre para dizer o que quiser. Ledo engano. Por um lado, quem fala precisa selecionar suas palavras a partir do repertório lexical do seu código. Por outro lado, há uma escala ascendente de liberdade, que vai desde a impossibilidade de se combinar traços distintivos dos fonemas de maneira arbitrária, já que o código delimita as combinações desse caráter nessa língua, passando pela combinação não menos circunscrita dos fonemas nas palavras, pela “um-pouco-mais-frouxa” disposição das palavras nas frases, até atingir o ápice da liberdade: a combinação de frases em enunciados. Os signos lingüísticos são articulados a partir dessas duas formas de arranjo: combinação e a seleção.

A combinação e a textura são duas faces de uma mesma operação, uma vez que um elemento se combina com outro de acordo com o seu contexto, e é, ele mesmo, contexto para unidades menores. Em termos saussurianos, tal arranjo aparece *in praesentia* por lidar com elementos que estão concomitantemente presentes. Os constituintes dessa operação encontram-se entre si numa relação de contigüidade.

Já a seleção (e a substituição, pois a possibilidade de substituir um elemento por outro diz respeito ao ato de selecionar), une os elementos, como diria Saussure, *in absentia*, uma vez que fazem parte de uma cadeia mnemônica virtual. Essa operação incide sobre o código e, por isso, diz-se que seus elementos estão numa relação de similaridade.

¹ Este objetivo maior integra a pesquisa *Lingüística e o sintoma na linguagem: a instância da falha na fala*.

² A noção de sintoma não será desenvolvida aqui, porém, cabe lembrar que tal conceito, no escopo da pesquisa por nós desenvolvida recebe a especificidade da psicanálise lacaniana.

³ Os dados desta análise foram retirados do Banco de Dados em desenvolvimento na UFRGS. Em anexo, seguem as convenções de transcrição dos dados.

⁴ *Aphasia as a linguistic topic*. Esse é o título de acordo com Selected Writings II, part B – Crucial Questions of Linguistic Theory (p.229-238), 1971. Apresentado na conferência sobre Comportamento da linguagem expressiva na universidade Clark e publicado em Clark University Monographs on Psychology and Related Disciplines (Worcester, 1955). Já de acordo com Stephen Rudy, em sua *Complete Bibliography of Roman Jakobson*, o título original seria *Aphasia as a linguistic problem* e teria sido lançado no livro *On Expressive Language*, ed. por H.Werner, p. 69-81. Worcester, Clark University Press. *A Afasia como um problema lingüístico*. Tradução para o português de Gilda Maria C. de Azevedo. Em *Novas Perspectivas Lingüísticas*. (p. 43-54). Petrópolis, Vozes, 1970.

Jakobson (1970, p. 47), assim, relaciona tais modos de arranjo e inaugura dois novos conceitos que auxiliam na compreensão do funcionamento da linguagem: “ambos os tropos opostos, metáfora e metonímia, oferecem a expressão mais condensada de dois modos básicos de relação: a relação interna de similaridade (e contraste) serve de base à metáfora; a relação externa de contigüidade (e afastamento) determina a metonímia”.

A teoria sobre os pólos metafóricos e metonímicos ficou extensivamente reconhecida pela possibilidade de propor um entendimento das afasias. Assim, o fundador do círculo de Praga afirma que o afásico possui problemas ou ao menos alguma deterioração em prioritariamente um deles (em oposição à linguagem “normal”, onde ambos funcionam apesar da predileção de um pelo outro em determinadas situações).

Quanto especificamente aos aspectos do funcionamento da fala sintomática, vale ainda alguns comentários: conforme Surreaux (2004), toda a metonímia implica uma metáfora. O efeito de sentido provocado na relação entre os elementos presentes numa cadeia de fala é evidenciado na linha metonímica. É nesse desenrolar do fio metonímico que o inusitado pode aparecer. A metonímia é uma condição, como pano de fundo, para que se possa produzir o novo, o criativo – a metáfora. Ao mesmo tempo, diz-se que a metonímia é dependente da metáfora (já que a metonímia é também um tipo de substituição)

Finalmente, quanto à relação entre os dois tropos da linguagem e a arte verbal e outros sistemas semiológicos, podemos considerar que Jakobson pensou o romantismo e o simbolismo como metafóricos, enquanto o realismo seria metonímico. Também, de maneira geral, diz que a prosa tem um caráter metonímico e a poesia, metafórico. Já no que tange aos sistemas não-verbais, diz que a pintura cubista era metonímica e a surrealista, metafórica.

Neste ponto, seguimos também Surreaux (2004) ao considerar que Jakobson destaca que o poeta Khlebnikov elogiava o potencial artístico dos erros de impressão porque o caráter “acidental” de tais erros provocaria um efeito poético imprevisível (cf. Holenstein, 1979, p. 144). Para Surreaux, é inevitável realizar uma analogia entre o que diz Jakobson sobre Khlebnikov com o efeito que provoca, naquele que escuta, uma fala sintomática, na qual o sujeito imprime seu jeito de estar na linguagem. Ora, o contraste entre efeito artístico e efeito patológico analisado por Jakobson conduz a pensar acerca dos limites do funcionamento da linguagem na “patologia” e na “normalidade”.

Sem dúvida, poesia e afasia subvertem a ordem da linguagem, seja na forma, seja no sentido, ou em ambos. Se na poesia o efeito da subversão é artístico, o que produz o sujeito que ao falar *falha*? Além de produzir um “efeito de fala patológica” sua singular subversão da linguagem de-

veria produzir um interrogante naquele que a escuta.

Sobre metáfora, metonímia e enunciação

Enfim, neste item, será abordado, exatamente, o aspecto singular da enunciação do sintoma na linguagem. A questão que se coloca, aqui, é: como reconhecer o que é específico do sintoma de linguagem no uso que o sujeito faz dela? Em outras palavras: o que é a enunciação de uma fala sintomática? O tema será abordado por um viés não muito explorado, qual seja, será proposto que os pólos metafóricos e metonímicos constitutivos da linguagem sejam vistos como um dos elementos da língua que permite que o sujeito se inscreva nela e, por esse, processo, se enuncie.

Se forem retomadas as idéias de Freud sobre a denegação, em especial na interpretação de Shäffer *et al.* (2002), vê-se que o que diferencia uma denegação de uma simples negação descritiva é a situação de enunciação. Ou seja, o espaço-tempo de ocorrência de uma negação implica a descrição de algo; o espaço-tempo de uma denegação implica um processo antecipatório em que o sujeito atribui ao outro um certo conteúdo afirmativo subjacente. Em síntese, na enunciação de *não é minha mãe*⁵ de um Locutor B em réplica à afirmação de A que afirma que a mãe de A está se aproximando, não há denegação. No entanto, no contexto descrito por Freud, no célebre texto *La negación*, é uma denegação.

A partir do que foi dito anteriormente, parece que se pode formular a hipótese segundo a qual os “erros” acedem ao *status* de fala sintomática na medida em que podem ser referidos ao contexto de sua enunciação, que supõem eu-tu-ele-aqui-agora (cf. Benveniste, 1989). Se o erro habita a linguagem – afirmação esta inferível do raciocínio de Freud (1977) para o estudo das afasias –, seu caráter sintomático dependerá de quem o enuncia e em que circunstâncias. Além disso, uma clínica-de-linguagem deveria atentar para o funcionamento enunciativo deste erro, ou seja, que movimentos na/da linguagem são por ele operados.

Em princípio, propõe-se que, do ponto de vista metodológico, a análise da linguagem contemple o funcionamento da metáfora e da metonímia na fala sintomática considerando-o como uma das formas de o sujeito se enunciar na língua. Nesse sentido, os pólos estudados por Jakobson receberiam o *estatuto* de serem um dos recursos integrantes do aparelho formal de enunciação tal como o concebeu Benveniste. Em outros termos, no quadro enunciativo, eu-tu-ele-aqui-agora, são produzidos deslocamentos metafóricos e metonímicos que instauram diferentes valores para o “erro”. A análise deverá mostrar como passar do sintoma de linguagem – numa dimensão instru-

⁵ Trata-se de um exemplo clássico referido por Freud em texto de 1925, “La negación”.

mental – para o sintoma de linguagem – numa dimensão estruturante – e ainda como tomá-los na concomitância.

Uma tentativa de abordagem da metáfora/metonímia na enunciação

Os dados, transcritos conforme as convenções em anexo (cf. anexo I), integram o Banco de Dados que está em construção junto ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Serão analisados dados coletados por um fonoaudiólogo em situação clínica. Trata-se de uma fala com características de ecolalia, ou seja, com excessiva repetição das falas⁶ ouvidas do interlocutor.

Os dados serão analisados segundo a construção teórico-metodológica feita nos itens anteriores, cuja pro-

posta articula metáfora/metonímia a recursos de enunciação do sujeito no sistema da língua. A apresentação dos dados é feita obedecendo aos seguintes passos: a) numeração seqüencial das falas, independentemente, do locutor; b) apresentação das falas em duas colunas, conforme os locutores; c) grifo em negrito nas falas que forem tomadas como objeto de análise.

Sobre a forma de inscrição na língua

Veja-se no episódio⁷ A abaixo, em que **F** é o fonoaudiólogo e **P** o locutor cuja fala é objeto de análise (Quadro I).

A ecolalia se manifesta pela repetição da fala do outro. Isso, em um primeiro momento, parece nada acres-

Quadro 1. Episódio A.

F:	P:
1) Tu quer que eu pegue um pratinho?	2) Qué que eu pegue?
3) Tu quer que eu pegue um pratinho pra gente fazer comida pro cara?	4) Pegue. Um cópi.
5) Uma jarra?	6) Tá seio di di água lá dentu.
7) Cheio de água. E o cara está com sede?	8) U cala tá cum sedi.
9) Ah, então vamos dar alguma coisa para ele beber. Tem algum copo ou xícara por aí, P?	10) (...)
11) Na jarra?	12) na jarra(...) vamo botá as águas
13) Uhm-uhm. As águas, o cara pelo jeito está com muita sede!	14) (...)

centar ao que já é sabido acerca desse fenômeno, no entanto, observe-se o funcionamento enunciativo dessa ecolalia a partir das categorias preliminares aqui sugeridas: enunciação (eu-tu-ele-aqui-agora), pólos (metafóricos/metonímicos), valor no sistema lingüístico do enunciador (na fala de **P**).

Observe-se que a repetição de (2) *qué que eu pegue?* está na dependência da enunciação anterior (1), *Tu*

qué que eu pegue um pratinho?. A prova disso é que se repetem em (2) não apenas as palavras do enunciado (1), mas a interrogação dele. Entretanto, a repetição de (1) em (2) é parcial. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma espécie de “fixação” metonímica de **P** na fala de **F**, ou seja, o que é repetido é a parte da fala de **F** que, na enunciação de **P**, passa a ser tomada como toda. E, por ser tomada como toda por **P**, manifesta, simultaneamente, não se tratar de mera

⁶ Neste momento, está sendo usado o termo “fala” para indicar as enunciações dos interlocutores que constituem os dados. Optou-se por este termo, já que outros como “turno”, “proferimento”, entre outros, tem uso bastante especializado na literatura lingüística.

⁷ É considerado *episódio* a transcrição de dados ocorridos em uma sessão clínica, produzidos a partir de interpretação que proporciona um recorte. Em outras palavras, defende-se que em lingüística da enunciação o “dado” não é jamais dado, mas se configura num fato na medida em que é produto de um ponto de vista, o que cria o objeto a ser analisado. Os dados, ao serem apresentados em recortes denominados episódios, possibilitam que se enfoque mais detidamente a cena enunciativa desenvolvida na situação clínica e, em especial, que se tome as falas em relação uma com a outra como forma de vislumbrar outra face da construção dos recursos enunciativos. Tal relação entre as falas será denominada de co-referencialidade (cf. nota 10).

repetição, mas de repetição colada à voz do outro, uma possibilidade de enunciação para **P**. Pode-se considerar, neste caso, que o aparelho formal de enunciação apresenta-se para **P** com um funcionamento metonímico colado à fala “alheia”. A ecolalia está ancorada na metonímia da voz do outro. O mesmo ocorre com *pegue*, em (4); *U cala tá cum*

sedi, em (8); *na jarra*, em (12).

Entretanto, se, por um lado, a forma de ocorrência da ecolalia, nos dados acima, é de repetição metonímica, por outro lado, percebe-se também um certo “descolamento” da fala do outro. Observe-se os dados no episódio **B** (Quadro 2).

Quadro 2. Episódio B.

F:	P:
1) E aqui, o que é nesse prato?	
3) Ah que coisa boa! Uma comida com batata!	2) Comida de batata
5) Ah, outra coisa maravilhosa, bolo de chocolate! Eu estou sentindo o cheirinho! Uhm!	4) Bolu, bolu de socolati

Em (2) e (4), *comida de batata* e *bolu, bolu de socolati*, não se percebe o mesmo funcionamento. Isto é, não há o que foi denominado de “fixação metonímica”, ao contrário disso, tudo indica que a “fixação” antes percebida é apenas um princípio de ancoragem para a fala de **P**, para que ele possa produzir, a partir da co-referencialidade⁸ situacional, falas com funcionamento metafórico.

Primeiras conclusões: a) sem querer generalizar, pode-se dizer que estes dados mostram que, quando ecolálica, a fala de **P** repete metonimicamente a fala do outro; b) o aparelho formal de enunciação disponível para **P** inclui a metonímia como ancoradouro para o sintoma de linguagem a partir do qual **P** pode produzir a metáfora, no caso o “novo” em sua fala; c) não se trata de mera repetição, mas de repetição que dá lugar a um sujeito que enuncia.

Cabe, ainda, levantar a hipótese de que a diferença entre (2), (4), (8) e (12), do episódio A, e (2) e (4), do episódio B, deve-se exclusivamente às diferenças nos contextos de ocorrência, já que (1), (3), (7) e (11) em A são perguntas do tipo sim/não, o que não é o caso de (1) e (3) em B. Ora, o máximo que tal distinção permite vislumbrar é que há contextos que favorecem a “fixação” metonímica e contextos que desfavorecem. Isso, no entanto, não interfere nas considerações feitas acerca do tipo de relação que **P** mantém com a fala de **F**.

Sobre a relação interlocutiva entre F e P

Vejam-se os dados que se seguem. No episódio D, é o terapeuta quem espelha a fala da criança na mesma direção do movimento especular que a criança realiza nas

demais falas com “fixação metonímica” (cf. 4.1). Esse movimento é imediatamente acomodado por **F**, ao perceber o efeito ambíguo da expressão “lá em casa” enunciado sucessivamente por **P** e por **F**.

Vem à tona a questão da linguagem como um terceiro elemento: partindo de uma posição especular entre o eu e o outro (criança e terapeuta) e entre o eu e a linguagem (relação deste pequeno paciente com a linguagem), pode-se observar que há neste processo um “resto”, um tanto de linguagem que não cabe na relação especular, diádica.

Episódio A

F:	P:
7) É amarela?	8) Malelo.

Episódio B

F:	P:
1) E no jipe do teu tio, tu anda aqui em Porto Alegre ou tu anda lá em Caxias?	2) I Porto Alegre.
3) O tio traz o jipe pra cá?	4) O tio traz o jipe pra cá.

Episódio C

F:	P:
1) E esse carro, que diferente né, P? Um carro com uma boca.	2) Um carro com uma boca.

⁸ O conceito de co-referencialidade advém de interpretação da teoria de Benveniste. Conforme Lichtenberg (2001, p. 165) “é preciso, [...], explicitar o que se entende por *colocar a língua em funcionamento*, já que não é a soma de palavras que constitui o enunciado”. Considera a autora que no diálogo a relação entre locutor e alocutário é mediada pela língua e permite a construção de *referência* em que *eu* e *tu* não se encontram em posições hierarquizadas, mas em relação. Ora, se a língua é a garantia de um mínimo comum (a referência), a existência de sujeitos supõe co-referência, processo em que o eu-tu constroem, juntos, um processo de significação. Isso não significa que co-referência implique “falar do mesmo assunto, ou mesmo algum tipo de “concordância” entre os interlocutores. A co-referência é tão somente o fato de que dois (ou mais) interlocutores enunciem e que, por esse ato, produzam uma dada situação de enunciação.

Episódio D

F:	P:
2) O avião que a gente tinha pego outro dia, né?	3) Oto dia ()

F:	P:
6) Isso: ele vai trabalhar e volta lá em casa, na tua casa.	5) I volta. I u papai viaza i volta lá em casa

Episódio F

F:	P:
1) Tu quer que eu pegue um pratinho?	2) Qué que eu pegue?

Episódio H

F:	P:
3) O papai do P, o G?	4) G.

Episódio E

F:	P:
3) Tu quer escovar os dentes do cara?	4) Du cala. Vã botá u denti do cala, no cala

F:	P:
17) Podemos. Eu quero. De faz-de-conta?	18) De faz-de-conta? Qué botá mais denti

Episódio G

F:	P:
1) Tem um copo pra mim também?	2) Tem um copo pra mim?

Episódio I

F:	P:
7) Então desenha a mamãe do P.	8) Mamãe do P.

O próprio fragmento destacado no episódio D (“lá em casa”) que aparece na fala de **P** aponta para essa posição de alteridade do sujeito em relação à linguagem. Trata-se de um mal-estar produzido por uma expressão que funciona como dêitico e que provoca e evoca um “lá em casa” que pode ser qualquer casa, mas que não é nenhuma casa *a priori*. É justamente nesse movimento da linguagem entre um sujeito e outro que o ato enunciativo vai permitindo que cada sujeito se aproprie daquilo que vem do outro de uma forma muito particular.

Porém, inclusive nesse fragmento em que a ecolalia – ou a fala especular – está em cena, há um momento de parada ou estranhamento dos sujeitos em relação à linguagem do qual a forma especular não dá conta e transborda. Isso que transborda, que não cabe na relação especular, é justamente o que marca a instância de alteridade na linguagem – é a própria linguagem funcionando como um terceiro elemento na relação entre eu e o outro. E, então, nesse “desencontro” do “lá em casa” (minha casa? tua casa?) é que vem à tona, que ganha destaque, o que não cabe, o que não tem garantia de interpretação se se estiver guiando unicamente pelo referencial da língua.

É porque existe sujeito na língua e porque existe o outro para o sujeito que é possível falar. E, mesmo que a linguagem seja o lugar onde o sujeito habita, como ensina Benveniste, mesmo assim a “localização” dessa casa não é prevista num “contrato *a priori*”, mas, sim, na constante mudança de endereço efetivada a cada ato de enunciação.

Conclusão

Em termos de conclusão, vale ressaltar três pontos: a) a análise esboçada permite considerar o funcionamento metafórico / metonímico da linguagem (cf. Jakobson) como um dos mecanismos inerentes ao aparelho formal de enunciação (cf. Benveniste). Isso possibilita ver que os mecanismos utilizados por um locutor para se enunciar em uma dada língua não são dados *a priori*, mas *a posteriori* já que são construídos na relação enunciativa. b) A noção de co-referencialidade permite colocar em suspenso a relação hierarquizada entre os enunciadores em uma situação de clínica de linguagem. c) a análise da co-referencialidade apresentada em 4.2, em que a língua funciona como uma espécie de terceiro elemento na fala entre F e P, dá elementos para que se possa ver a fala (no caso, o uso de *lá*) como objeto da própria fala. Nesse caso, o “erro” pode também ser cometido por outros que não apenas os ditos “pacientes”. O “erro” é uma propriedade da língua e o sintoma passa a ela estar integrado.

Referências

- BENVENISTE, E. 1988. *Problemas de lingüística geral I*. São Paulo, Pontes, 386 p.
 BENVENISTE, E. 1989. *Problemas de lingüística geral II*. São Paulo, Pontes, 294 p.
 FLORES, V. 2001. Princípios para a definição do objeto da lingüís-

- tica da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, 36(4):7-67.
- FLORES, V. 2004. Por que gosto de Benveniste: um ensaio sobre a singularidade do homem na língua. *Letras de Hoje*, 138(4): 217-230.
- FLORES, V. e SURREAUX, L. 2004. O sintoma de linguagem na escola: a heterogeneidade de um campo. In: *Ciências e Letras*. Porto Alegre, FAPA, p.342-350.
- FRANK, J. 1992. Roman Jakobson: o mestre lingüista. In: J. FRANK (ed.), *Pelo prisma russo: ensaios sobre literature e cultura*. São Paulo, Edusp, p. 3-18.
- FREUD, S. 1977. *A interpretação das afasias*. Lisboa, Marsílio Editori.
- HOLENSTEIN, E. 1979. *Jakobson, o estruturalismo fenomenológico*. Lisboa, Editorial Veja, 274 p.
- JAKOBSON, R. 1970. A Afasia como um problema lingüístico. In: M. LEMLE. e Y. LEITE (org.), *Novas Perspectivas Lingüísticas*. Petrópolis, Vozes, p. 43-54.
- JAKOBSON, R. 1974. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: R. JAKOBSON (ed.), *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, p. 34-62.
- LICHTENBERG, S. 2001. Usos de *todo*: uma abordagem enunciativa. *Letras de Hoje*, 36(4):147-182.
- MILNER, J. 1987. *O amor da língua*. Porto Alegre, Artes Médicas, 82 p.
- SAUSSURE, F. 1975. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 279 p.
- SHÄFFER, M.; FLORES, V. e BARBISAN, L. (orgs.). 2002. *Aventuras do sentido: psicanálise e lingüística*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 364 p.
- SURREAUX, L. 2004. Efeito artístico/efeito patológico: Jakobson, da afasia à poética. *Correio da APPOA*, p. 18-24.

Recebido em 07/06/2005

Aceito em 12/07/2005

Valdir do Nascimento Flores

Instituto de Letras - UFRGS

Luiza Milano Surreaux

Doutoranda em Letras na UFRGS

Tanara Zingano Kuhn

Aluna do curso de Letras UFRGS